



Brasil Indígena (até 1500)

Para os índios que habitaram o Brasil no período anterior a 1500, os raios eram manifestações divinas, associados a uma entidade mitológica de nome Tupã, em geral enviados para punir o homem.

As terras que formam o continente da América do Sul já eram habitadas havia mais de dez mil anos quando Cristóvão Colombo chegou à América, no final do século XV. Pensando ter chegado às Índias, Colombo chamou os habitantes de índios. No final do século XV, tribos do grupo tupi-guarani, formadas por alguns milhões de índios, ocuparam o Brasil, principalmente ao longo de todo o litoral, desde a foz do rio Amazonas até o sul do Rio Grande do Sul, tendo aparentemente se deslocado para essa região em busca de uma “terra sem males”. Para os índios, o raio e o trovão estavam associados à palavra *Tupã*, que significa “pai que está no alto” e representa uma entidade mitológica ou deus. Os índios acreditavam que as tempestades eram provocadas pelo deslocamento de *Tupã* e os raios eram, em geral, enviados como manifestações do desagrado dele. A primeira menção escrita a essa palavra data de 1549, em uma carta do padre Manuel da Nóbrega, em que *Tupã* é mencionado como uma espécie de divindade dos trovões.

Entre as muitas lendas dos índios tupi-guaranis relacionadas aos raios, as mais conhecidas são as lendas do guaraná, do pirarucu e da árvore paricá. As lendas que associam os raios a pedras também permanecem em nossa cultura até hoje, como a do cão sentado.

Conta a lenda que há muitos e muitos anos, nas matas de Furnas do Catete, um pequeno índio tupinambá encontrou um filhote de cachorro e fez dele seu melhor amigo. Eles não se separavam por nada, até o dia em que o indiozinho teve que acompanhar sua tribo em uma guerra. Morrendo de saudades do seu amigo, o cãozinho nunca mais foi o mesmo e ficou prestes a morrer. Quando os guerreiros retornaram da batalha com a notícia de que o pequeno índio havia morrido, o cachorro pressentiu que não veria mais o seu amigo. No alto de uma montanha, ele viveu por dois dias e duas noites. Ao final da segunda noite, quando o sol raiou, ele sentou-se no alto de uma pedra e deu seu último latido, como se estivesse se despedindo do seu melhor amigo. O sol escureceu, houve relâmpagos como se fosse uma tempestade à noite. Assustada com o imenso raio que acabara de atingir a montanha, toda a tribo foi ver o que havia acontecido e, lá chegando, encontrou uma imensa pedra na forma de um cachorro sentado. (Lenda indígena mencionada na internet, origem desconhecida).

A pedra na forma de um cachorro sentado encontra-se no município de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, onde hoje está localizado o Parque Ecológico do Cão Sentado. A história faz parte da divulgação de um dos principais pontos turísticos de Nova Friburgo e é um dos atrativos dessa área de preservação.

Lendas semelhantes existem em diversas outras regiões do Brasil. Tais regiões tornaram-se pontos de peregrinação e, atualmente, transformaram-se em pontos turísticos. Outra lenda envolvendo uma pedra supostamente rachada por um raio é a da pedra rachada, que é originária da região da Ilha de Paquetá, no Estado do Rio de Janeiro, e data de 1800. Essa ilha também é conhecida como “ilha dos amores” pelo seu encanto.

Conta a lenda que dois irmãos, uma índia e um índio, que habitavam aquele local antes da chegada dos europeus tiveram amores incestuosos. Certa vez, quando praticavam o pecado, um raio caiu sobre eles, separando-os e transformando-os

naquelas duas rochas. (Lenda indígena mencionada na internet, origem desconhecida. Outra versão muito semelhante é dada por Gonçalves Jr., 1870).

Já a lenda do guaraná tem origem no Amazonas. O guaraná é um arbusto originário a Amazônia e seu fruto possui grande quantidade de cafeína. Por suas propriedades estimulantes, é usado na fabricação de refrigerantes.

Conta a lenda que um casal de índios pertencente à tribo mawé do Amazonas vivia por muitos anos sem ter filhos, mas desejava muito ter uma criança ao menos. Um dia, eles pediram a Tupã uma criança para completar aquela felicidade. Tupã, o rei dos deuses, sabendo que o casal era cheio de bondade, lhes atendeu o desejo, trazendo a eles um lindo menino.

O tempo passou rapidamente e o menino cresceu bonito, generoso e bom.

No entanto, Jurupari, o deus da escuridão, sentia uma extrema inveja do menino e da paz e felicidade que ele transmitia e decidiu, então, ceifar aquela vida em flor.

Um dia o menino foi coletar frutos na floresta e Jurupari se aproveitou da ocasião para lançar sua vingança. Ele se transformou em uma serpente venenosa e mordeu o menino, matando-o instantaneamente. A triste notícia se espalhou rapidamente.

Neste momento, trovões ecoaram na floresta e um raio caiu junto ao menino. Então a índia-mãe disse: “É Tupã que se compadece de nós. Plantem os olhos de meu filho, que nascerá uma planta, que será a nossa felicidade”.

Os índios obedeceram ao pedido da mãe e plantaram os olhos do menino. Neste lugar cresceu o guaraná, cujas sementes são negras, envoltas por uma orla branca em sementes rubras, e muito semelhantes aos olhos dos seres humanos. (Oliveira, 1951).

Outra lenda do Amazonas é a do pirarucu, que se originou nas águas amazônicas. O pirarucu é um peixe amazônico que pode chegar a 2 m de comprimento.

Conta a lenda que Pirarucu era um índio que pertencia à aldeia dos uaiás, da família linguística tupi, que habitava as planícies do sudoeste da Amazônia. Era um bravo guerreiro, mas tinha o coração perverso. Era vaidoso, egoísta, extremamente orgulhoso de seu poder e adorava criticar os deuses.

Um dia, Pirarucu se aproveitou da ausência de seu pai, chefe da tribo e de bom coração, para tomar como reféns índios da aldeia. Sem nenhum motivo, resolveu executá-los. Tupã, cansado do comportamento do índio, decidiu puni-lo e pediu à deusa Luruauaçu, deusa das torrentes, que fizesse cair uma grande tempestade sobre Pirarucu, que estava pescando com outros índios às margens do rio Tocantins, não muito longe da aldeia. O fogo de Tupã foi visto por toda a floresta. Quando Pirarucu percebeu as ondas furiosas do rio e ouviu a voz enraivecida de Tupã, ignorou, deu risada e ainda disse algumas palavras de desprezo. Tupã enviou então Xandoré, o demônio que odeia os homens, para atirar raios e trovões sobre Pirarucu. O índio tentou escapar, mas enquanto corria foi atingido por um raio fulminante, enviado por Xandoré, que acertou seu coração. Mesmo assim, o índio guerreiro recusou-se a pedir perdão. Pirarucu, ainda vivo, foi levado para as profundezas do rio Tocantins, sendo transformado em um peixe gigante e escuro de grandes escamas e cabeça chata que habita os rios da Amazônia. (Borges, 1986).

Também originária da Amazônia é a lenda da árvore paricá. Atualmente, é uma das árvores nativas mais plantadas no Brasil. É de grande porte e rápido crescimento, de madeira mole e branca.

Conta a lenda que os índios faziam veneno com o material extraído da árvore Paricá para atirar nos raios para afastá-los. Por este motivo os raios não gostam das árvores Paricás e as quebram, onde as encontram. (Medeiros, 2002).

Já para os índios que povoaram o Sul e o Sudeste brasileiro, havia uma lenda relacionada ao deus Tupã que talvez seja uma das poucas lendas indígenas associadas aos raios e trovões que não tem uma visão negativa nem trágica do fenômeno em relação ao homem.

Estes indígenas acreditavam que Tupã tem por hábito utilizar um ornamento nos lábios, o tembetá, que possui um significado religioso e aspecto translúcido feito de seiva vegetal. Tupã passa a maior parte do tempo sentado em seu apyka, um banquinho, de onde fica a contemplar as coisas da Terra.

Quando Tupã deseja se comunicar com sua mãe, Nhandecy – que significa “nossa mãe” –, que mora no leste, do lado do sol nascente, ele arrasta o seu apyka para sentar-se de frente para ela. O arrasto do banquinho origina o barulho do trovão. Quando Tupã fala com sua mãe, o brilho do tembetá, o ornamento labial, ao se movimentar produz a luz do relâmpago. (Borges, 2012).

Finalmente, os índios da tribo marubo, da Amazônia, possuíam o mito do canto *kaná kawã* ou “raptada pelo raio”. O canto *kaná kawã* pode ser considerado uma versão para o mito de Orfeu.

O mito conta a história de um homem que tenta resgatar sua mulher, raptada por um raio. O mito é cantado por um xamã da tribo Marubo. A tribo Marubo vive no Vale do Javari, na fronteira com o Peru. A narrativa indígena cantada, “*kaná kawã*”, conta a história de uma mulher cuja alma (ou “duplo”) é raptada pelos espíritos do raio. Para tentar recuperá-la, seu marido faz uma viagem pelo cosmos, enfrentando diversas batalhas com o auxílio de povos estranhos. O mito original é sobre o rapto da alma de uma mulher pelos espíritos do raio. O marido da mulher deverá fazer uma jornada por diversos patamares do cosmos para resgatar a alma de sua esposa. Após fazer uma batalha com o povo-raio, ele acaba por trazê-la de volta, mas ela sempre retorna à casa dos raios, tão logo chega à terra dos humanos. Depois de três idas e voltas, a alma da mulher começa a se desfazer: na terra, os parentes do marido haviam cremado o cadáver, o que interfere diretamente na condição da alma do morto e conduz, assim, ao desfecho infeliz da história. (Cesarino, 2011).

Passados mais de 500 anos, hoje cerca de 200 mil índios habitam o Brasil, a maior parte integrada à cultura atual. Contudo, alguns de seus mitos existentes desde 1500 persistem enraizados

entre os brasileiros. O principal deles, em que até hoje boa parte dos índios e das pessoas em geral acredita, é que “um raio não cai duas vezes em um mesmo lugar”. A maioria dos índios acreditava nesse mito e sempre que enxergava um raio atingir uma árvore e causar um incêndio, o que nem sempre acontece, pegava parte do tronco petrificado pelo fogo. Denominavam o tronco de pedra do raio e usavam-no como adorno em um colar, acreditando que isso faria o raio não cair sobre eles. Famoso ao longo dos séculos, esse mito tem sido citado em publicações e filmes e é a manifestação cultural mais antiga relacionada aos raios no Brasil.